

**ESTUDO DO LÉXICO A PARTIR DE TEXTOS TEATRAIS:
A RECUPERAÇÃO DOS VESTÍGIOS DA DITADURA**

Eliana Correia Brandão Gonçalves (UFBA)

elianabrand7@gmail.com

RESUMO

O estudo do léxico pode apresentar pistas sobre a história política, social e cultural dos sujeitos. Por outro lado, é inegável que as produções culturais podem registrar acontecimentos sobre as políticas de silenciamento impostas às sociedades, entre as quais aquelas empreendidas pelos regimes ditatoriais. Nesse contexto, como objeto de estudo para a análise lexical, são examinados textos teatrais produzidos durante a vigência da ditadura militar, visto que os mesmos são exemplos de arquivos culturais interditados; logo, testemunhos do não dito, dos silêncios que marcaram a história e de momentos trágicos e de interdição (RANCIÈRE, 1994; FOUCAULT, 1997; 2004; ORLANDI, 2007; AGAMBEN, 2008). Esses documentos dos arquivos do teatro registram utilizações de itens lexicais, marcados pela construção de espaços semânticos, que oscilam entre a inclusão e a exclusão, entre o inscrever e o apagar, pois os sujeitos também foram reprimidos e torturados pela privação da liberdade da palavra, excluídos da voz, através da vigilância da censura, parcial ou total e, por conseguinte, algumas unidades lexicais ou eram banidas dos textos teatrais ou, no caso de mantidas, denunciavam, por vezes, o discurso do controle, a repressão da polícia, as opções e os saberes das minorias. No entanto, diante dessa impossibilidade de esses sujeitos testemunharem, a leitura crítico-filológica desses textos, por meio do estudo lexical, possibilita o resgate dessas vozes e o direito ao testemunho, permitindo que os silenciados e os esquecidos tenham direito à memória.

Palavras-chave: Léxico. Arquivo. Textos teatrais. Ditadura militar. Crítica filológica.

1. Palavras iniciais

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma leitura crítico-filológica do vocabulário relativo à violência e à vigilância, presente em textos teatrais produzidos durante a vigência da ditadura militar, em especial o texto *Apareceu a Margarida*, de Roberto Athayde, escrito na década de 70, com base na edição filológica organizada por Correia (2013). É fato que os documentos dos arquivos do teatro registram utilizações de itens lexicais, marcados pela construção de espaços semânticos, que oscilam entre a inclusão e a exclusão, entre o inscrever e o apagar, e apresentam pistas do discurso do controle, da repressão da polícia, da opressão das instituições e das opções e dos saberes das minorias, em tempos de ditadura.

O diálogo aqui empreendido é resultante da pesquisa desenvolvi-

da na UFBA, a partir do projeto intitulado "Arquivos Culturais e Construção do Léxico: A Vigilância e a Violência nos Regimes Ditatoriais", que tem, entre outros objetivos, analisar o léxico presente em fontes testemunhais, históricas ou ficcionais, que divulgam relatos, diretos ou indiretos, sobre a memória traumática da violência e da vigilância, durante a vigência de regimes ditatoriais, entre os quais a ditadura militar no Brasil. Assim, considerando o estudo dessas fontes, no período da ditadura militar, entre as décadas de 60 a 80 (1964-1985), é possível: **a)**- refletir sobre a violência e a vigilância por parte desse regime ditatorial; **b)**- fazer um balanço sobre os regimes ditatoriais na contemporaneidade; **c)**- reavaliar os relatos que denunciam as experiências de interdição e de trauma vivenciados pelos sujeitos e que estão dispersos, fragmentados e/ou esquecidos, em textos do teatro, da literatura e dos jornais, mas também em relatos da memória, por meio dos arquivos virtuais.

2. Filologia: produções editoriais e práxis filológica

Na contemporaneidade, considera-se a filologia como a ciência do texto, apesar das tensões teóricas e metodológicas que envolvem outras disciplinas que também reconhecem o texto como objeto de estudo. Mas é preciso lembrar que, no contexto arqueológico da filologia, desde as suas origens, na Antiguidade, a atividade filológica nunca se distanciou da exegese crítica, histórica e cultural do texto, considerando suas diversas materialidades e inscrições, sua relação visceral com a cultura dos povos e sua vinculação com a língua, a história e o tempo. Rememoramos que, no contexto nietzschiano da cultura alemã, o filólogo não era apenas aquele que estudava os textos e suas respectivas línguas escritas, mas também aquele que, por meio delas, lidava com as manifestações do espírito de um povo (GONÇALVES, 2003; 2012; 2014). Nessa perspectiva, a captura do tecido do texto por parte filólogo contemporâneo evidencia os processos de significação que permeiam os textos e suas tensões.

Em sua prática teórico-metodológica, o filólogo se ocupa, tanto do desenvolvimento de produções editoriais, por meio dos vários tipos de edição, quanto da produção crítica, por meio dos diversos estudos crítico-filológicos do texto, entre os quais o estudo lexical, semântico e discursivo. Dessa forma, neste trabalho, é possível considerar que o fazer filológico também articula a reflexão crítica entre os arquivos da ditadura e seus lugares históricos; e entre a análise dos itens lexicais, utilizados nas

produções teatrais, e a ação, direta ou indireta, da censura, por meio do monitoramento dos sujeitos, impondo aos textos, produzidos na época, interdições de base ideológica e político-cultural.

A tarefa de editar se torna, então, crucial para qualquer pesquisa com o texto, incluindo a pesquisa linguística, visto que a prática editorial pode ser pensada não apenas como apropriação do seu objeto de estudo, o texto, mas uma ação de distinguir, mediar e articular “às relações múltiplas, móveis e instáveis, estabelecidas entre texto e suas materialidades, entre a obra e suas inscrições”. É imprescindível que os textos sejam “respeitados, editados e compreendidos” na sua diversidade histórica e cultural, em suas várias identidades textuais reconhecidas pelos “leitores ou ouvintes”, por meio dos testemunhos textuais. (CHARTIER, 2007, p. 13-14; MACKENZIE, 2005)

O filólogo híbrido, proponente, mediador e leitor, que aqui me reconheço e celebro, diante do texto, seu objeto teórico e de estudo, apresenta uma práxis mediada pela edição e pela leitura interventiva, crítica e histórica dos textos, por conta da sua prática identitária nômade que se motiva não apenas na sua busca pelos testemunhos textuais, mas também pelo cruzamento de fronteiras e pela combinação e articulação entre atividade editorial e leituras crítico-filológicas dos textos.

Compreende-se, então, o texto como objeto cultural, que recom põe a história e os resíduos da memória cultural dos sujeitos e a atuação dessas memórias como arquivo. Essas interlocuções nos fazem lembrar que ser filólogo consiste em reinterpretar, reavaliar, sem cessar, os procedimentos adotados no decorrer de suas leituras, é desconfiar das verdades que se insinuam no texto.

Ao se escrever, se restitui parte dos arquivos presentes na memória viva, desse modo “os escritos constituem a porção principal dos depósitos de arquivos e, se entre os escritos os testemunhos das pessoas do passado constituem o primeiro núcleo, todos os tipos de rastros possuem a vocação de ser arquivados” (RICOEUR, 2008, p. 178). Então, é necessário trazer de volta a memória da violência que se inscreve nos textos produzidos sob a vigilância dos regimes políticos ditatoriais, que têm uma história longa a ser recontada. (GONÇALVES, 2014)

Por outro lado, se atentarmos para o fato de que os vestígios da violência da ditadura estão, por vezes, interditados e fragmentados, apresenta-se, então a “tarefa de convocar o passado, que já não está mais num discurso num presente” (CHARTIER, 2009, p. 15), através das produ-

ções teatrais, nas quais se inscrevem as marcas dos traumas, do apagamento e do esquecimento da memória.

É através da língua, utilizada na composição dos textos, que o sujeito articula as suas vivências e experiências, felizes ou traumáticas, possibilitando ao pesquisador, a partir da análise e interpretação linguística, o desenvolvimento de leituras críticas sobre os arquivos da violência da ditadura militar. Portanto, considerando o texto *Apareceu a Margarida*, de Roberto Athayde, é possível recuperar as cenas e o discurso da censura, por meio da análise dos itens lexicais e dos testemunhos do não dito e dos silêncios que marcaram os momentos trágicos e de interdição, permitindo rasuras, recortes e reescritas da história, além de reavaliações de fatos do passado. (RANCIÈRE, 1994; FOUCAULT, 1997; 2004; ORLANDI, 2007; AGAMBEN, 2008)

3. *Textos teatrais censurados e o estudo do léxico*

3.1. *A produção dramatúrgica de Roberto Athayde: Apareceu a Margarida*

A ditadura militar no Brasil (1964 a 1985) marcou um período de intervenção decisiva da censura, por meio dos órgãos censórios, que criaram mecanismos de vigilância e que tiveram como foco a produção teatral, cinematográfica e literária realizada no país. Essa política de vigilância e violência, por meio da censura, revela violações dos direitos à liberdade de expressão, por meio do intenso controle social, político e artístico (BERG, 2002). Assim, os textos escritos sob a vigência da censura apresentam uma realidade diferente, marcada pela disciplina, submissão e interdição, construída a partir da ação da censura e da mistura de memórias da repressão, ideais de liberdade e desejo de poder.

A peça teatral *Apareceu a Margarida*, escrita em 1971, é parte da produção do escritor carioca Roberto Athayde, que teve também a referida peça encenada na Bahia. A produção escrita de Roberto Athayde foi bastante diversificada, marcada pela escrita de textos dramáticos, de traduções e adaptações de textos para o teatro, mas também pela escrita literária através de romances e poesias.

Apareceu a Margarida representa um arquivo cultural interdito, visto ser uma produção dramatúrgica que passou pelo crivo da censura de sua época, podendo ser compreendida como testemunho do não dito. Clássico da dramaturgia brasileira, *Apareceu a Margarida* foi a primeira

produção dramaturgica de Roberto Athayde a ser encenada com grande sucesso, em 1973, dois anos depois de ser escrita, no Teatro de Ipanema, no Rio de Janeiro, e teve uma primeira montagem com direção de Aderbal Freire-Filho, e Marília Pêra no papel principal. (CORREIA, 2013)

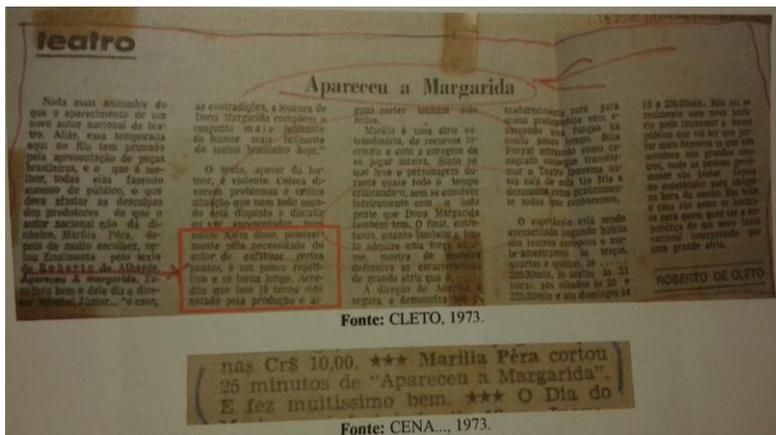


Fig. 1 – Recorte de Jornal – Nota sobre o texto teatral *Apareceu a Margarida*

Fonte: CLETO, 1973, *apud* CORREIA, 2013, p. 57

Na Bahia, a referida produção teatral teve sua estreia em 1977:

Na Bahia, o sucesso de AM [*Apareceu a Margarida*], encenada em 1977, com Yumara Rodrigues [atriz baiana] no papel da professora e Direção de Manuel Lopes Pontes, garantiu à obra o troféu Martim Gonçalves [entregue aos melhores atores, diretores e técnicos do ano], em duas categorias: melhor espetáculo e melhor atriz.

A montagem ocorreu no Teatro do SENAC, pelo grupo Tato e Teatro de Equipe, com a participação em cena de Jorge Santori e figurino de Angélica Lopes Pontes. A julgar pela opinião da crítica teatral baiana, com Carlos Borges, na *Tribuna da Bahia* de 26 de março de 1977, o espetáculo pareceu, de fato, impressionar a plateia (...). (CORREIA, 2013, p. 60-61)

O texto utilizado para a análise dos itens lexicais tomou por base a edição elaborada por Correia (2013),³ que foi de crucial importância para

³ Fabiana Prudente Correia organizou, em 2013, a edição sinóptica e fac-similar de *Apareceu a Margarida*, de Roberto de Athayde, como resultado da sua Dissertação de Mestrado – UFBA, que teve como orientadora a Profa. Dra. Rosa Borges dos Santos, coordenadora da Equipe de Textos Teatrais Censurados (ETTC) da UFBA, que vem desenvolvendo, desde 2006, um trabalho criterioso a propósito da recensão, transcrição, edição e estudos de natureza interpretativa de textos teatrais censurados.

o desenvolvimento desta análise, visto que a editora adota um modelo editorial que considera a história dos diferentes momentos de escritura do texto e o processo de transmissão e circulação do texto na Bahia.

Apareceu a Margarida apresenta uma crítica às relações de poder, no contexto escolar, em período de regime ditatorial. O poder que reprime as produções artísticas e culturais, mas também corrompe, silencia e ameaça as vozes dos sujeitos. Assim, o texto encenado, nos silenciosos tempos da ditadura, mostra a repressão e a violência dos padrões vigentes no contexto escolar, uma vez que, por conta da censura, o texto não pode ser encenado, na época, tal como ele foi produzido. Mas, recorrendo-se ao procedimento descritivo-analítico do texto, é possível resgatar os rastros da opressão que são flagrados no texto, por intermédio dos cortes da censura e da recomposição do vocabulário relacionado à esfera semântica da violência.

Avaliando a figura da professora Margarida, são perceptíveis as relações entre aprisionamento e autoritarismo, presentes na ditadura, e pela oscilação entre sanidade e loucura. O texto evidencia, de um lado, a insanidade e o autoritarismo da professora ditadora, que humilha seus alunos; e do outro lado, uma diferente faceta da professora é revelada: um sujeito que está aprisionado em sua tirania, em seus valores ditatoriais. Nesse ensino, marcado pelo conflito entre grupos, exemplificado nas relações entre professores e alunos, autoridade e carisma, são impostas as verdades da professora Margarida, que podem ser um sintoma da escancarada violência simbólica (BORDIEU, 2004) que marcou a ditadura militar. Desse modo, discurso é violência e é nessa prática de violência, de interdição da palavra, atribuídas ao discurso, que precisam ser construídos “mecanismos de resistência”, pois é na violência que os acontecimentos discursivos localizam o princípio de sua regularidade. (FOUCAULT, 2004; GONÇALVES, 2014)

Por conseguinte, é importante resgatar a relação do sujeito com a memória, pois sabemos que alguns rastros da violência foram apagados pela impossibilidade de falar e de testemunhar, mas os textos podem servir como vestígios dos testemunhos do não dito, de quem podia dizer e o que não podia ser dito (CABRAL, 1979). Da mesma maneira, os textos teatrais escritos no período da ditadura militar no Brasil enfocam uma realidade diferente, marcada pela disciplina, submissão e interdição, construída a partir de uma mistura das memórias da repressão.

E, ainda que seja possível reconhecer, em uma leitura política e

crítica, que a produção dramatúrgica não tenha sido escrita com o intento de fazer uma referência direta à violência na ditadura militar, lembramos que tudo é possível, quando o leitor se apropria do texto. Acresce-se ainda o fato de que, na contemporaneidade, o sujeito não se conecta ao passado apenas por intermédio das obras históricas, mas também pela ficção e pelos relatos da memória coletiva ou individual, ao ponto de que, por vezes, o sujeito se sente mais identificado com esses relatos, que “conferem uma presença ao passado”, do que com os próprios livros de história. (CHARTIER, 2009, p. 21)

4. Breve amostragem: o vocabulário da violência e as cenas da repressão

Para os que já leram o texto de *Apareceu a Margarida*, é fato de que o texto apresenta cenas de uma memória traumática e vestígios que insinuam o enfrentamento, a violência e o silenciamento que marcaram o período da ditadura militar. O texto, centrado no contexto escolar, apresenta recortes de narrativas da violência na cena escolar, que envolve as tensas relações entre professores e alunos, articulando, na construção da narrativa, diferentes itens lexicais, que se vinculam com as inscrições de violência.

O dicionário da língua portuguesa de Houaiss (2009) apresenta, em seu verbete violência, as referidas acepções:

Violência s. f. (sXIV) 1 qualidade do que é violento <a v. da guerra> 2 ação ou efeito de empregar força física ou intimidação moral contra; ato violento 3 exercício injusto ou discricionário, ger. ilegal, de força ou poder <a v. de um golpe de Estado> 4 força súbita que se faz sentir com intensidade; fúria, veemência <a v. de sua linguagem> 6 p. ext. cerceamento da justiça e do direito; coação, opressão, tirania <viver num regime de v.>.

A partir da análise do verbete de Houaiss (2009), rememoramos que violência também está relacionada com o cercear das vozes, com a interdição da palavra, do discurso (ORLANDI, 2007), tornando necessário que os sujeitos construam “mecanismos de resistência” (FOUCAULT, 2004, 54-59). Portanto, as mudanças sociais, culturais e políticas, como a imposição de regimes militares, provocam intervenções na memória, alterações discursivas e também interferem historicamente na adoção ou exclusão de certas unidades lexicais por parte dos utentes da língua.

E, apesar de sabemos necessariamente que o discurso da violência

não apresenta um léxico próprio, pois nenhum item lexical pertence obrigatoriamente a um vocabulário, é importante lembrar que são nos contextos que os itens lexicais se reatualizam, de acordo com os saberes dos utentes da língua. Nessa perspectiva, Vilela (1994, p. 6) afirma que o léxico “é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico (...) afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico”.

Dessa forma, reflete-se sobre a cultura da violência, não por meio da voz da vítima, mas a partir da voz da professora Margarida, que representa, por intermédio de seu discurso em sala de aula, as práticas autoritaristas presentes no regime ditatorial brasileiro. Evidencia-se, então, a cultura da violência como ação recorrente no regime militar e político brasileiro, avaliando as relações de violência, a partir da análise de substantivos e verbos, presentes no texto, que são utilizados pela professora Margarida.

4.1. Análise lexical e o corpus

Vale ressaltar que as abonações do texto de *Apareceu a Margarida* tiveram por base a edição fac-similar, apresentada por Correia (2013), do testemunho datiloscrito datado de 1975 e que representa a peça teatral produzida na Bahia. O fac-símile do texto teatral de 1975 também apresenta testemunhos das intervenções da censura da época que podem ser acompanhadas por meio dos documentos do Arquivo Nacional de Brasília. Além da edição fac-similar, por meio de digitalização por fotografia, que apreende a imagem, a editora apresenta uma edição sinóptica (SANTOS, 2012) com as sete versões contempladas na sua pesquisa, em suporte impresso e eletrônico. (CORREIA, 2013, p. 69-73)

No entanto, considerando a genealogia dos testemunhos, optou-se pela escolha da transcrição de uma das versões em fac-símile, logo “em um de seus estados concretos”, tendo em vista que para um trabalho que se propõe a analisar um recorte sobre o vocabulário da violência, considera-se mais produtiva e coerente a eleição de uma versão, o que nos faz dialogar com Chartier (2009, p. 14):

(...) as múltiplas formas textuais em que uma obra foi publicada constituem seus diferentes estados históricos, que devem ser respeitados, editados e compreendidos em sua diversidade irredutível.

Com efeito, um texto sempre se dá a ler ou escutar em um de seus estados

concretos. Conforme as épocas e os gêneros, variações são mais ou menos importantes e pode se referir, de forma separada ou simultânea materialidade do objeto, à grafia das palavras, às regras de pontuação ou aos próprios enunciados.

Neste caso, optou-se pela versão datiloscrita denominada pela editora de D75SA (testemunho datiloscrito de 1975; representa a peça teatral produzida na Bahia), que, como registro temporal, espacial e material, apresenta emendas manuscritas, “por meio de supressões e substituições por sobreposições de termos datiloscritos”. (CORREIA, 2013, p. 74)

As fortes imagens da violência verbal e psicológica e da repressão são confirmadas pela postura da professora que são narradas no texto. Naquela época, era muito importante que os alunos tivessem um bom rendimento nos estudos, pois, após a conclusão do 5º ano primário, os alunos necessitavam de aprovação e classificação suficiente no exame de admissão do ginásio. Naquele período, o ensino não alcançava a todos, devido ao fato de as escolas públicas disponibilizarem poucas vagas para os alunos.

Em diversos momentos, no texto, a professora, D. Margarida, por meio de abuso de poder, profere discursos de opressão e ameaça aos alunos em relação aos referidos exames de admissão ao ginásio, como pode ser visto na transcrição do fac-símile:

Vocês se encontram no quinto ano.
Também não é novidade para ninguém o fato de que esse quinto ano recebe o nome, a denominação, de admissão. O que vem a ser admissão? A prova de admissão, meus queridos alunos, é nada menos que a prova mais difícil de quantas vocês já fizeram. Ela compreende toda a matéria dada em cinco anos de trabalhos escolares. Não passar no exame de admissão é uma **desgraça** [grifo nosso] que marcará para sempre a vida de cada um de vocês. São as portas do ginásio e do ensino superior que se fecham irremediavelmente diante de vocês. É todo um mundo de conhecimentos, é toda a cultura e^d a sabedoria humanas que se tornaram inacessíveis a vocês. É a *vergonha* [grifo nosso] que cai como um manto negro sobre o nome da família de cada um de vocês. O que fazer para evitar essa *Desgraça* [grifo nosso] que seria não passar no exame de admissão? (CORREIA, 2013, p. 64-65)

⁴ Toda vez que for utilizado o recuo do trecho à direita, abaixo da outra linha, indica-se que o trecho é continuação da linha anterior.

Em plena década de 70, o escritor carioca Roberto Athayde descreve cenas da escola no contexto brasileiro da época, mas que por vezes se repetem na atualidade: de um lado os sujeitos gritam para reafirmar o poder e do outro gritam para se libertar.

Para proceder à análise lexicográfica do vocabulário da violência, em *Apareceu a Margarida*, é crucial a utilização de dicionários da língua portuguesa, visto que

O dicionário de língua faz uma descrição do vocabulário da língua em questão, buscando registrar e definir os signos lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura. Por outro lado, o dicionário [também] é um objeto cultural de suma importância nas sociedades contemporâneas (...) (BIDERMAN, 1998, p. 15)

Assim, para a organização descritivo-analítica do vocabulário da violência presente em *Apareceu a Margarida*, foram utilizados como procedimentos metodológicos:

- a. Seleção de amostragem de nove unidades lexicais, cinco substantivos (S.), masculinos (m) e femininos (f), e quatro verbos (V.), que remetam as questões da violência, localizadas no texto, com base na edição filológica de Correia (2013);
- b. Seleção e transcrição das abonações do texto que atestam os itens lexicais em análise;
- c. Consulta aos verbetes dos dicionários de língua portuguesa, em especial os dicionários semasiológicos de Houaiss (2009) e Ferreira (1999) e o dicionário etimológico de Cunha (1996), com o fim de construir a análise lexicográfica, por meio das acepções encontradas das nove unidades lexicais selecionados⁵;
- d. Análise das nove unidades lexicais que podem compor o vocabulário da violência, considerando as classificações gramaticais e as suas acepções contextuais;
- e. Composição de quadro que apresente as nove unidades lexicais, em ordem alfabética, seguida das suas acepções e da abonação do texto. Seguindo, a tradição lexicográfica, no quadro, as uni-

⁵ Foram consultados também os dados constantes no catálogo informatizado (2014-2015), organizado pela bolsista IC – CNPq – UFBA – Elifrance Oliveira Marins, que é estudante da graduação vinculada ao projeto que coordeno intitulado Arquivos Culturais e Construção do Léxico: A Vigilância nos Regimes Ditatoriais.

dades lexicais representadas pelos verbos serão lematizadas pelo infinitivo; e os substantivos analisados serão lematizados pela forma do singular.

A partir da amostragem dos resultados, apresenta-se o seguinte quadro:

UNIDADE LEXICAL	ACEPÇÃO	ABONAÇÃO
[ARREBENTAR]	V. Rebentar; quebrar.	Quem soltou esse barbantinho? Eu mato, eu esfolo o autor dessa sacanagem! Eu arreben-to , eu parto a cara de quem fez isso! Vocês pensam que acabam com dona Margarida, seus moleques? (CORREIA, 2013, p. 113; ATHAYDE, 1975)
CADELA	Sf. Fêmea do cão. Pej. Mulher pouco digna, de baixa condição social ou de comportamento ou hábitos reprováveis. Mulher vulgar, desavergo-nhada.	O que está pensando que isso qui é? Uma casa de sacanagem?! E você aí, minha filha! Tá sentada como uma cadela ! Ouviu bem? (CORREIA, 2013, p. 87; ATHAY-DE, 1975)
[CASTIGO]	Sm. Pena ou punição que se aflige a pessoa ou animal. Observação sobre um erro ou uma falta; repreensão, admoes-tação. Imposição de sofrimento; mortificação, importunação.	Os castigos que dona Margarida der serão sempre outros tantos incentivos. É para o bem de vocês. Vocês têm que ir se acostumando (...) (CORREIA, 2013, p. 91; ATHAYDE, 1975)
[ESTRAÇALHAR]	V. Despedaçar-se, fazer-se, em pedaços; com certa fúria.	Eu estraçalho aquele que disser que eu faço uma injustiça! Entenderam bem? Eu boto vocês todos vocês todos sem saída só para vocês terem o gostinho de quem é dona Margarida. (CORREIA, 2013, p. 97; ATHAYDE, 1975)
MEDO	Sm. estado afetivo suscitado pela consciência do perigo ou que, ao contrário, suscita essa consciência.	Dona Margarida pergunta a vocês quem de vocês teria coragem de dizer o que pensa sobre dona Margarida. Vocês têm medo de falar. Ninguém diz porra nenhuma nessa classe. (CORREIA, 2013, p. 100; ATHAYDE, 1975)
PONTAPÉ	Sm. golpe com a ponta ou com o peito de pé; chute.	São uns covardes! Pois que digam na minha frente o que tiverem de dizer! Podem falar! Quem vai ser o primeiro a dar um passo à frente e dizer alguma coisa? Seus mariqui-nhas! Seus babacas! Seus merdas! Dou uma porrada nos cornos do primeiro que se atrever! Dou um pontapé no saco! (CORREIA, 2013, p. 100; ATHAYDE, 1975)
PORRADA	Sf. infrm. pancada com cacete, cacetada, bordo-	São uns covardes! Pois que digam na minha frente o que tiverem de dizer! Podem falar!

	ada.	Quem vai ser o primeiro a dar um passo à frente e dizer alguma coisa? Seus mariquinhas! Seus babacas! Seus merdas! Dou uma porrada nos cornos do primeiro que se atrever! Dou um pontapé no saco! (CORREIA, 2013, p. 100; ATHAYDE, 1975)
PRENDER	V. Privar (alguém) da liberdade, aprisionar. Ficar preso a (algo) agarrar-se engancha-se. Monopolizar a atenção e interesse de alguém.	Aquí dentro quem manda sou eu. Eu vou dar essa matéria toda nem que eu tenha de prender vocês a noite inteira aqui dentro. (CORREIA, 2013, p. 102; ATHAYDE, 1975)
TREMER	V. Agitar (se) com tremor; provocar ou sofrer tremor em razão de medo, emoção, de um fenômeno externo.	E aí daquele que passar o ano inteiro na vagabundagem, sem ouvir as minhas admoestações, sem tremar diante da responsabilidade que pesa sobre a sua cabeça; (CORREIA, 2013, p. 84; ATHAYDE, 1975)

A leitura da experiência de ensino, narrada no texto teatral, é bastante sintomática, pois, mediante a análise linguística, de cunho lexical, das acepções das unidades lexicais selecionadas, é imposto, de modo violento e forçoso, o poder da autoridade da professora Margarida sobre o grupo dominado, o dos alunos, descortinando-se os embates culturais, políticos e sociais que podem refletir, ainda que inconscientemente, as relações de luta pelo poder presente no regime ditatorial. Dessa maneira, são vinculadas as relações de violência que aproximam simbolicamente as práticas do aparelho ideológico do Estado, a escola, e do aparelho repressor do Estado, a polícia. Porquanto, a partir das acepções e contextualizações dos itens lexicais, é oportuno observar:

1. Ações de empregar intimidação moral contra grupos oprimidos, por meio de atos violentos, que provocam sofrimento, medo e opressão, evidenciados na leitura dos contextos dos verbos *tremar*, *prender* e *estrapalhar*;
2. Contextos que nomeiam e incitam formas e ações de violência física, através dos substantivos *porrada* (sf.) e *pontapé* (sm.);
3. Atos de extrema violência, cometidos com fúria e destruição, mostrando o sistema autoritário e opressor da ditadura, ao avaliar o uso contextual do verbo *arrebentar*;
4. Disseminações da violência de gênero evidenciada pelo sentido pejorativo e discriminatório usado na remissão à figura feminina, por meio da reflexão contextual do substantivo *cadela* (sf.);
5. Ações de punição que aflige o sujeito, impondo sofrimento físico.

co ou emocional, próprio da ditadura, com justificativa de que o sujeito deve ser violentado, com a utilização do substantivo *castigo* (sm.);

6. Divulgações de estados excessivos de pavor, perigo e opressão, que tem como consequência o silenciamento da palavra, do poder dizer e do poder ser, em contextos como o observado com utilização do substantivo *medo* (sm.).

5. Considerações finais

A análise da tessitura lexical do vocabulário presente em *Apareceu a Margarida*, de Roberto Athayde, apresenta, com sutileza, reavaliações de fatos do passado e do presente, rasuras, recortes e reescritas da história, ao aproximar, por vezes, de realidades aparentemente distantes. O texto teatral, enquanto testemunho, nunca está dissociado da palavra das testemunhas que ali figuram e da experiência de reencontro, retorno ao passado, que ele recupera pela narração e pela reescrita da história (RICOEUR, 2008; CHARTIER, 2009, p. 21-30). Desse modo, estudar vocabulário a partir da edição de *Apareceu a Margarida*, como um dos temas na investigação filológica, leva-nos a refletir sobre o trabalho consciente do filólogo como mediador dos textos, levando a outras interlocuções, entre as quais, o silenciamento dos arquivos; o arquivo como lugar de memória, o arquivamento do sujeito escritor/dramaturgo; e o teor político do discurso censório.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo, 2008.

ALBIN, Ricardo Cravo. *Driblando a censura: de como o cutelo vil incidiu na cultura*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.

ATHAYDE, Roberto. *Apareceu a Margarida*. Datiloscrito, Salvador, 1975, 34 f.

BERG, Creuza. *Mecanismos do silêncio: expressões artísticas e censura no regime militar (1964-1984)*. São Carlos: Edufscar, 2002.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Edufms, 1998, p. 11-20.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

CABRAL, Reinaldo; LAPA, Ronaldo. (Orgs.). *Desaparecidos políticos: prisões, sequestros, assassinatos*. Rio de Janeiro: Opção/CBA, 1979.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Trad.: Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHARTIER, Roger. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura*. Trad.: Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Edunesp, 2007.

CORREIA, Fabiana Prudente. *O desabrochar de uma flor em tempos de repressão: edição e crítica filológica de **Apareceu a Margarida**, de Roberto Athayde*. 2013. Dissertação (Mestrado). – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e acresc. de um supl. 6. impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. *Vigiar e punir*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

GONÇALVES, Eliana Correia Brandão. Memória cultural e textos literários. In: *Anais I Congresso Internacional de Estudos Filológicos*, Salvador: CIEF, 2012.

_____. O papel da filologia textual na formação dos estudantes de Letras. In: *II Encontro Nacional de Linguística Aplicada ao Ensino*, Paraíba: II ECLAE, 2003.

_____. Léxico e arquivo: a questão da violência nos regimes ditatoriais. In: *Actas do XVII Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filología da América Latina (ALFAL)*. João Pessoa: Ideia, 2014.

HOUAISS, Antônio et al. 1. ed. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*

sa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografía y sociología de los textos*. Trad.: Fernando Bouza. Madrid: Akal, 2005.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramento, 2007.

MINISTÉRIO da Justiça. Departamento de Polícia Federal. [Parecer do censor G. M. C.]. Datiloscrito, Brasília, 22 abr. 1f.

ORLANDI, E. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas: Unicamp, 2007.

RANCIÈRE, J. *Os nomes da história: ensaio de poética do saber*. São Paulo: Educ/Pontes, 1994.

RICOEUR, Paul. *Memória, história e esquecimento*. Trad.: Alain François et al. Campinas: Edunicamp, 2008.

SANTOS, Rosa Borges dos. Filologia e literatura: lugares afins para estudo do texto teatral censurado. In: _____. *Edição e estudo de textos teatrais censurados na Bahia: a filologia em diálogo com a literatura, a história e o teatro*. Salvador: Edufba, 2012, p. 19-65.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.